

**Breve antologia e
comentário sucinto
dos tradutores de
*Fotografias
imaginárias com
neve de verdade*, de
Arturo Carrera¹**

240

Natalia Pérez Torres

Joaquín Correa

¹ Primeira edição brasileira pela Editora Micronotas (Joinville, 2020).

1.

Que ainda não se apague
embora as fotografias tenham se perdido,
teu sorriso de ontem
sob a neve. E o sorriso do cachorrinho
nessa afortunada luz que desconhecia a noite.

Porque conseguimos ver enquanto
olhávamos os flocos
o céu escuro que parecia dizer nomes.
A alegria incalculável do fundo e da forma
que tivemos muito próxima porque numerava
as faíscas da cor na luz branca e
as fotografias que resistiram
na aparente escuridão.

Agora
a máquina está vazia e
do outro lado insistem
nossos rostos beijados pela eterna,
trapaceira nevisca.

4.

Esse não é o poema que o ar escreveu,
mas a noite vem me desmentir.

Os flocos também não são as sílabas
de um pesar que a natureza guardava.
A ínfima noite foi naquele momento
nossa vigia, nossa zeladora, um anjo
da neve: mas sem o casaco.

Nós não devíamos posar,
para que saíssem as fotografias; nós não devíamos sonhar
que posávamos numa paisagem que agora nos
reclama e nos chama e nos auxilia quando dizemos:
“não posso acreditar que as fotos se apagaram!”

5.

242

A neve é outra coisa. Um material
que é preparado para a arte da fotografia.
Uma pintura *sumi-é*, que não poderá ser retocada
nem apagada sob o risco de se fundir como
a água-neve na calçada.

No entanto, na memória, agora,
ficamos com o leque leve, o para-brisa
de um instante que roubou a plenitude de
outros instantes. Aquele tempo que só vivemos para
dizer: “somos eternos na transitória leveza!”

12.

Voavam feito faíscas as flores da ameixeira.

O quintal aos poucos se enchia de neve.

Primeiro calor de julho já estava frio, ou pelo contrário:
primeira neve da infância não “queimava”.

17.

Na noite calma que aos vivos assusta

a Neve descia ignorando **tudo**.

Ria sua madrastra: a Fotografia.

E nós atingimos sua longínqua consciência

ao posarmos um instante crédulos, inocentes, frios.

243

E ao compreendermos que só a partir de sua perda
o mundo pode ser tocado e mais uma vez

temido.

20.

Aurora disse: “... não sei, mas a neve amortece

a voz, os barulhos. E até silencia o tráfego

dos trens... A sensação

quando começa a nevar também... Me lembro...”

E a interrompemos!

Forçando o sentido, os flocos ainda caem

num lugar que nos chama.
Caem na lembrança ao mesmo tempo
que o instante.
Caem na armadilha de uma reserva
que a nossa tristeza não quebra.

24.

Na afortunada luz caía também,
uma música que te cantei quando eras criança. Com ela
bem dormias. Com ela sorrias
como agora,

a mesma candura,

244

o mesmo instante,
o mesmo gosto de sorvete de limão.

26.

Neve que desembolsa paisagem,
como se chama?

Eternidade que não conversa conosco,
como se chama?

Passaram as estações e nenhuma voltou.
A neve soube dormir e com ela sonhamos.

27.

Tentei te dizer mais algumas palavras. Mas quando falei
não soube
e não sei
e passam os instantes com esses flocos leves.

Ardem e nos derretem
as coisas que não dizemos.

Duas vezes nevou em Buenos Aires: a primeira foi letal e apareceu no *Eternauta*, épico HQ de Oesterheld e Solano López, a segunda é a que lembra ou tenta recuperar *Fotografias imaginárias com neve de verdade*, de Arturo Carrera. A editora Micronotas, de Joinville, graças ao Programa Sur de Apoio às Traduções, da Argentina, publicou a coletânea de poemas em 2020, numa edição belíssima e bilíngue que quis copiar o formato de um álbum de fotografias, anacrônico suporte, sem colocar – porém – fotografia alguma, apenas o branco ocupando tudo, como a própria neve.

No “Prólogo?”, escrito especialmente para a edição brasileira, Arturo Carrera comenta a origem dos poemas: “Aí está no meu caso a neve, quando, junto com minha filha, tentamos fotografar a grande nevada de 9 de julho de 2007 em Buenos Aires e depois as fotos, ao serem descarregadas no computador, se apagaram” (CARRERA, 2020, p. 7). Esses pequenos poemas, como ele mesmo os define, desse modo, não são só uma variação sobre a neve, mas uma restauração da perda (“E ao compreendermos que só a partir de sua perda / o mundo pode ser tocado e mais uma vez // temido”, são versos do poema 17 (CARRERA, 2020, p. 28), uma restauração da alegria [“dicha”, no espanhol carreriano], uma restauração da inocência, palavras caras ao poeta nascido em Pringles. “Soluções pessoais para crises compartilhadas”, também os define no mesmo prólogo, tomando emprestadas as palavras de Seamus Heaney (CARRERA, 2020, p. 7). Esse milagre branco se relaciona com a pintura *sumi-é*, com as interjeições da surpresa, com a alegria incalculável e involuntária, com a infância, com o instante do *satori*, com a prova de solidão na paisagem, com as lembranças, com a felicidade intermitentemente atingida, com as falas de outrem, dentre outros elementos constelacionais da poética carreriana e, com isso, esses poemas aparecem para nós como uma perfeita porta de entrada ao universo que Carrera vem construindo desde seu primeiro livro, *Escrito con un nictógrafo*, de 1972. A proposta do livrinho – tal e como gostava de chamar Tamara Kamenszain alguns livros de poesia que se perdiam nas prateleiras da biblioteca, pelo seu tamanho ou pela particularidade da materialidade da

edição – é trazer “uma meditação sobre a memória da fala da poesia no mais antigo de cada tema que trato” (CARRERA, 2020, p. 7).

No primeiro poema aparece um “perrito”, que reaparecerá depois em várias ocasiões, o Rocco. Esse “perrito” foi, para nós, um “cachorrinho” e não um “cãozinho”. Marília Garcia tem uma coluna inesquecível sobre essa opção². Mas, de certo, essa não foi a escolha mais difícil da tradução. A grande dificuldade apareceu na tradução das distintas intensidades da neve num território pouco acostumado com esse fenômeno da estação mais antiga do mundo e que, por isso, encontrava todas essas nuances da grande nevada como se fossem estrangeiras ou, no melhor dos casos, alheias. A equipe de revisores, poetas e tradutores todos eles, fundamental combinação, Rodrigo Álvarez, Diego Moreira e Joca Wolff, nos auxiliou com numerosos comentários nos perigosos e sensuais caminhos da tradução. Coincidimos então com Ezequiel Zaidenweg, quem, num instigante ensaio, afirmava: “A tradução de poesia é uma ferramenta crítica e interpretativa – tanto no sentido hermenêutico como no outro: aquele que envolve o corpo e, assim, toda a subjetividade, que inclui práticas não estritamente verbais e, no entanto, plenas de sentido” (ZAIDENWERG, 2020, p. 23).

247

A primeira edição em espanhol de *Fotografias imaginárias com neve de verdade* foi publicada na Cidade do México em 2008 pela Editorial Apuntes de Lobotomía. Cada um dos 500 exemplares formava parte de um plano de um conjunto de oficinas, quebra-cabeça enorme difícil de repor. Sua irregularidade, pérola ainda barroca, deixava o livrinho amorfo como o *Artaud* de Spinetta. A série de poemas reapareceu em Montevideu em 2010, graças à Casa Editorial HUM, formando parte da coletânea *Fastos*. Sob esse último título formará parte das obras reunidas de Arturo Carrera, em 2014, *Vigilámbulo*. Tivemos em conta as pequenas variações – corte de versos, usos tipográficos do itálico, do negrito – das três versões para fazer a tradução para o português. Uma leitura comparativa poderá observar que essas variações, aliás, foram muito menos do que as operadas na segunda parte, “Fasto de la escuela”, previamente publicada sob o nome de *Pizarrón*

² Cf. GARCIA, Marília. “Cão, cachorro”. *Blog da Companhia*, 19 de agosto de 2019. Edição online: <https://wwwh.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Cao-cachorro>

pela Eloisa Cartonera, em 2004, onde houve poemas apagados ou que perderam ou ganharam versos, quer dizer, foram submetidos a um processo de autocorreção mais exigente ou, talvez, severo.

No breve prefácio de *Fastos*, Arturo Carrera contrapõe “fasto” a “nefasto”, “día feliz, *fastus*, derivado de lo lícito y lo permitido” (CARRERA, 2010, p. 9). Nas três partes em que foi dividido o texto, o poeta exerceu uma das suas paixões: escrever escrever escrever, como ele diz, praticar o registro que quer resgatar o que aconteceu *aquela* dia. A captura metonímica do registro gera vestígios e será a partir deles, e não tanto das anotações imediatas do registro, que a escrita toma corpo. *Fotografias imaginárias com neve de verdade* será, assim, a escrita desses vestígios na tentativa de proteger no grafo os instantes mágicos de brincadeiras sob a neve nas ruas do inverno portenho.

248

A ruptura da fotografia enquanto recurso contra o esquecimento coloca na atividade posterior da escrita o anseio ou a vontade de resgatar aqueles instantes fotografados, aparecendo a vaga ideia, aqui e ali, de que aquilo que se perdeu foi algo mais do que a fotografia enquanto documento ou lembrança. Foi, talvez, uma réplica miniaturizada da vida, o pequeno e fugaz monumento de um tempo mágico, a possibilidade de, graças ao contato, alcançar o mundo. Lembremos a vivência de Roland Barthes: “Vivo a fotografia e o mundo de que ela faz parte de acordo com duas regiões: de um lado, as Imagens, de outro, minhas fotos; de um lado a indolência, o deslizar, o ruído, o inessencial (mesmo que eu fique abusivamente ensurdecido com isso); de outro, o ardente, o ferido” (BARTHES, 2015, p. 82). Então, foi, talvez, “um resto de felicidade que quase atingimos” (CARRERA, 2020, p. 33). A escrita vem reparar a morte da fotografia, a dizer aquilo que foi detido em bits no tempo feliz da nevada e logo depois perdido no processo tecnológico. A dimensão do tempo é a dimensão da perda. Aquele registro primeiro, mais uma vez: registro *sumi-é*, dobrou em dois a memória, o espaçotempo onde os flocos continuam caindo: se o acontecimento da nevada era em si extraordinário, a perda do seu entusiasmado registro fotográfico o faz ainda mais misterioso, ainda mais aurático. A memória, frágil *continuum* de interrompidos instantes

auráticos, descobre nos vestígios da vida uma plenitude cotidiana – embora parcialmente esquecida – que, como os flocos de neve caindo do céu, mistura de graça, gratuidade e acontecimento, fugazmente evidencia nas sensações corporais o mistério. A neve da “estação mais antiga do mundo” (CARRERA, 2020, p. 34) mexe o tempo cronológico instalando no presente numa série de intermitências da breve eternidade que fazem da intensidade a medida da extensão e assim, por exemplo, a luz da neve traz uma canção de ninar cantada na infância de Ana que tinha sido, ao mesmo tempo, escrita em um dos textos de Carrera dos anos oitenta.

“La frase fastuosa”, como afirmava Sergio Chejfec no prefácio à poesia reunida de Carrera, “vendría a rescatar al ingenuo momento de la amenaza de disolución en su misma fugacidad” (CHEJFEC *in* CARRERA, 2014, p. 30). A escrita constante, do dia a dia, nas cadernetinhas, descobre seu fim: como a gota de água que cai sobre a pedra, o registro tenta na sua insistência atingir aquela experiência armazenada na memória que não deixa de voltar a se escrever, intervindo no presente, tocando o corpo, produzindo ou fazendo consciente a felicidade vestigial. Nas suas cadernetinhas de padeiro, as linhas da escrita, do tempo e da vida se entrecruzam e deixam como rastros desse encontro animações suspendidas, epifanias, vestígios “de las formas antes / de que entraran de nuevo / al mundo de las cosas” (CARRERA, 2010, p. 43).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara. Nota sobre a fotografia*. Tradução e apresentação Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CARRERA, Arturo. *Pizarrón*. Buenos Aires: Eloisa Cartonera, 2004.

_____. *Fotos imaginarias con nieve de verdad*. México DF: Apuntes de Lobotomía, 2008.

_____. *Fastos*. Montevideo: Casa editorial Hum, 2010.

_____. *Fotografias imaginárias com neve de verdade*. Tradução Natalia Pérez Torres & Joaquín Correa. Joinville: Micronotas, 2020.

CHEJFEC, Sergio. “El estribillo de la experiencia”. In: CARRERA, Arturo; *Vigilámbulo*. Poesía reunida. Volumen I. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2014. pp. 11-53.

GARCIA, Marília. “Cão, cachorro”. *Blog da Companhia*, 19 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Cao-cachorro>. Acesso em: 27 out. 2021.

ZAIDENWERG, Ezequiel. *A tarefa do tradutor (de poesia)*. Tradução Simone Petry. Copenhague / Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.